

TURISMO PARA ALÉM DAS MASSAS: O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E SUA REPERCUSSÃO NO ESPAÇO LITORÂNEO NORDESTINO – DO MARANHÃO À ALAGOAS

COMUNIT BASED TOURISM AND ITS REPERCUSSION IN THE BRAZILIAN NORTHEAST COASTAL SPACE – FROM MARANHÃO TO ALAGOAS

Ilana KIYOTANI¹, Marianna MAGALHÃES², Michele FERREIRA³

Artigo recebido em 01/02/2022, aceito em 08/11/2022, publicado em 24/10/2022.

Palavras-chave:

Turismo de base comunitária;
Litoral Nordestino;
Produção do Espaço.

RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado de pesquisas sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC) e sua presença e repercussão no litoral de sete dos nove estados que compõe o Nordeste brasileiro, tendo como objetivo identificar, caracterizar e mapear as iniciativas de TBC que ocorrem nos municípios litorâneos nordestinos do Maranhão a Alagoas. Como metodologia, além da pesquisa bibliográfica às temáticas relacionadas ao TBC, foi realizada uma busca às plataformas digitais e redes sociais para identificação das ações e construída uma planilha de identificação, caracterização e um mapa de localização destas. Ao término de um ano, foi possível identificar e mapear 33 casos de TBC distribuídos pelos estados, onde percebeu-se o protagonismo feminino para o desenvolvimento dessas ações e como os TBCs possibilitam uma proteção aos espaços que ocupam em contraponto a atuações destrutivas do turismo dito “de massa”.

Keywords:

Community-based tourism;
Brazilian Northeast Coast;
Space Production.

ABSTRACT

This work presents the results of research on Community Based Tourism (CBT) and its presence and repercussion on the coast of seven states in the Brazilian Northeast. The research study is aimed at identifying, characterizing, and mapping the actions of CBT that occur in the Northeast coast municipalities from Maranhão to Alagoas. As a methodology, in addition to the bibliographic research on the themes related to CBT, a search was adopted on digital platforms and social networks to identify those actions. Additionally, an identification and characterization worksheet and a location map of these were built. At the end of a year, it was possible to identify and map 33 cases of CBT distributed across the states, where, in most cases, the female role in the development of these actions was perceived and how CBTs enable protection of the spaces they occupy from destructive actions of the so-called “mass” tourism.

¹Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria - DTH da UFPB. Pesquisadora do Grupo CILITUR vinculada ao Laboratório de Espaço e Política (MDU/UFPE). E-mail: ilana.kiyotani2@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3529-7687>.

²Graduanda em Turismo no Departamento de Turismo e Hotelaria/UFPB. Pesquisadora bolsista do Projeto. E-mail: bluetranin@gmail.com.

³Graduanda em Turismo no Departamento de Turismo e Hotelaria/UFPB. Pesquisadora voluntária do Projeto. E-mail: coelhomichele77@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um ano de pesquisa científica produzida através do grupo de pesquisas CILITUR – Cidades Litorâneas e Turismo, mais especificamente no núcleo Nordeste que aborda o Turismo de Base Comunitária (TBC), tendo sido finalizada em setembro de 2021¹. Aqui, portanto, serão apresentados os resultados obtidos em sete estados nordestinos: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

A partir da prerrogativa macro do CILITUR, de estudar a participação do turismo na produção do espaço dos municípios litorâneos, o núcleo que estuda o TBC, por sua vez, busca identificar, caracterizar, mapear, e, quando possível, analisar a participação dos TBCs na produção do espaço que ocupam. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi identificar, caracterizar e mapear as ações de TBC nos estados citados acima.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, onde por meio dos dados coletados, somados ao aprofundamento teórico, foi possível descrever sobre situações ainda pouco conhecidas de TBCs encontrados, apresentar suas características e realizar uma análise, ainda que pouco aprofundada, de como se relacionam estas práticas com os espaços que ocupam.

Compreende-se que os debates e questionamentos em torno desse segmento ou gestão do turismo são muitos, já estudados por vários pesquisadores, entretanto deixando lacunas no que se refere aos casos brasileiros em suas particularidades. Entende-se que são várias iniciativas a serem conhecidas a fundo, e disto sucede a dificuldade, mas a falta de informações e material científico que identificasse os TBCs no Brasil acabou limitando esta pesquisa. Não se almeja elucidar todas as informações sobre os TBCs nos sete estados, tampouco afirmar que conseguiu-se mapear todos os casos, mas, na medida em que se obteve ciência desses, apresenta-se aqui uma listagem.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, esta pesquisa buscou aprofundar as bases teóricas que sustentam os principais conceitos que envolvem o problema de pesquisa, através de pesquisa bibliográfica em fontes como revistas da área de turismo e pela busca de palavras-chave em periódicos e buscadores acadêmicos. Através destes mesmos buscadores acadêmicos e revistas foram encontrados artigos, dissertações e teses sobre as iniciativas de TBC dentro do recorte geográfico estudado.

¹Trata-se de um extrato da pesquisa-tronco financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) denominada Turismo e Produção do Espaço no Litoral Brasileiro: processos, conflitos e contradições, desenvolvida pelo Grupo CILITUR.

Em um segundo momento, foram feitos levantamentos das iniciativas de TBC existentes por meio de plataformas digitais como Google, TripAdvisor, AirBnb e redes sociais como Facebook e Instagram. Ademais, foram realizadas pesquisas em agências de viagens e receptivos por telefone e online, e em organizações sociais, coletivos e redes de atuação comunitária nestes 7 estados. O trabalho adotou uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório e descritivo (Dencker, 1998), onde aprofundou-se as discussões sobre o TBC e sua participação no espaço e foram apresentadas as ações encontradas.

As informações coletadas serviram de base para a construção de um quadro síntese com a caracterização das iniciativas quanto ao Município, Nome da Comunidade, Classificação², Organização Social, Projetos/Atividades Desenvolvidas, Latitude e Longitude, Data de Abertura/Funcionamento, Observações e Endereço. Paralelamente foi construído um Caderno de Anotações com o Município, Comunidade/TBC, Notas e Referências/Links de Acesso, cujo objetivo foi detalhar as situações, conflitos e observações das quais se tomava conhecimento sobre cada um dos TBCs, individualmente.

Por fim, construiu-se um mapa interativo no qual é possível visualizar os pontos de TBC encontrados através deste projeto (Figuras 1 e 2), juntamente a algumas de suas características ao passar o cursor sobre o ponto. Este mapa foi produzido por uma outra equipe do CILITUR, pois trata-se de um produto que compila espacializações dos diversos eixos do macroprojeto do grupo de pesquisa, sendo o TBC apenas um de seus *layers* (camadas).

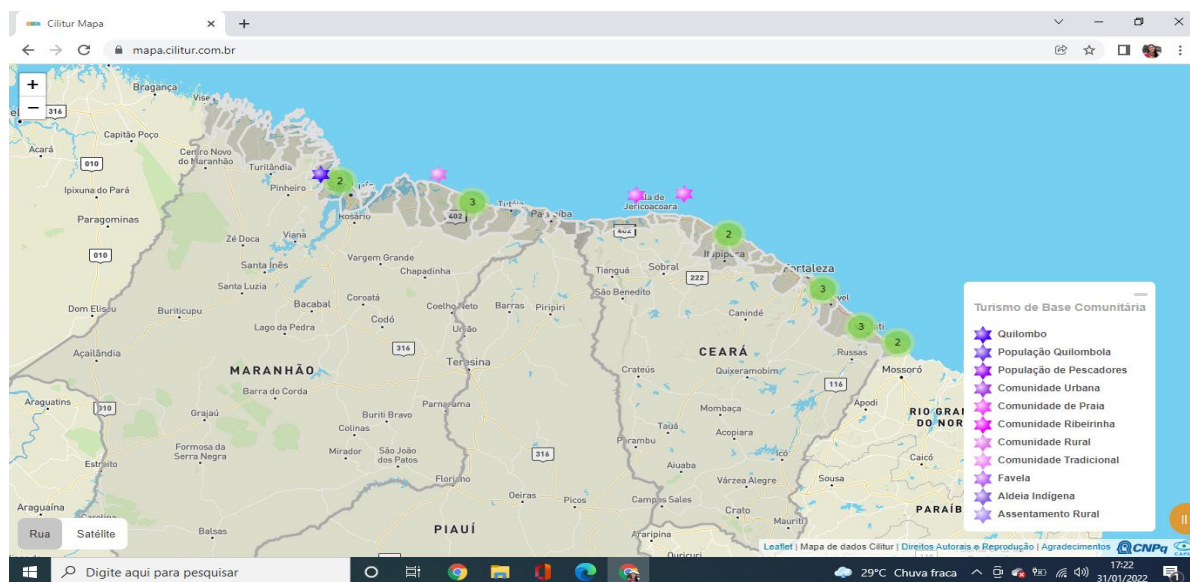


Figura 1 – Disposição dos TBCs do Maranhão e do Ceará no Mapa Interativo Cilitur

Fonte: Grupo CILITUR, 2021. Disponível em: <https://mapa.cilitur.com.br/>.

² Esta *classificação* refere-se ao que foi discutido e acordado entre os pesquisadores de TBC do Grupo CILITUR, onde estes sintetizaram as situações de possível Classificação dos TBCs em: Quilombos; Aldeia indígena; Favela; Comunidade urbana; Comunidade costeira/de praia; Comunidade ribeirinha; Comunidade rural.

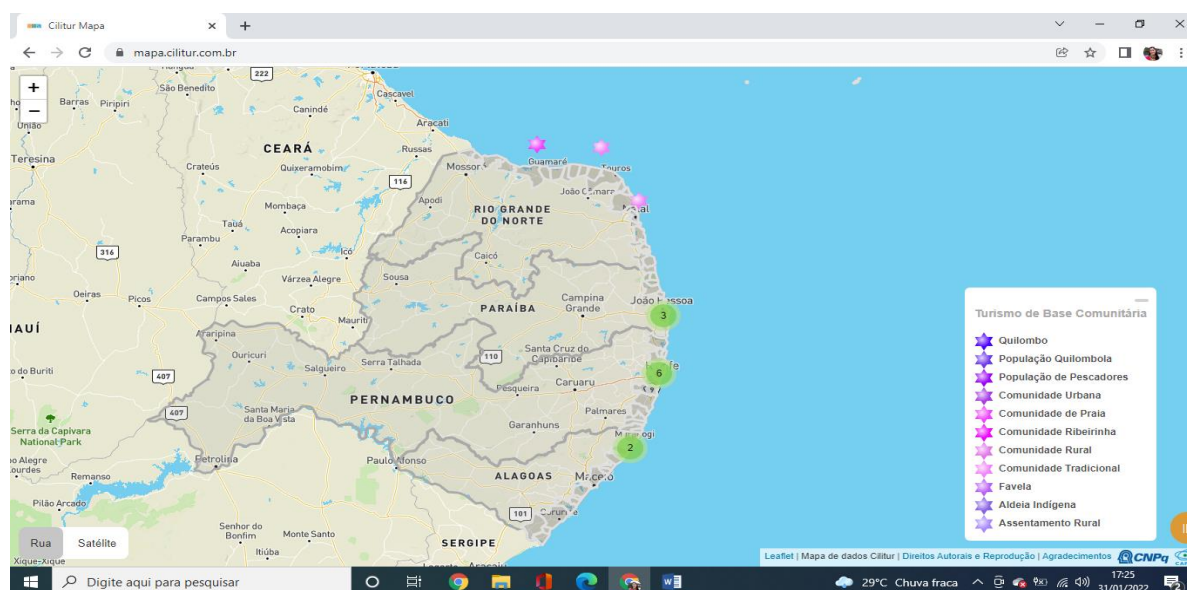


Figura 2 – Disposição dos TBCs do Rio Grande do Norte a Alagoas no Mapa Interativo Cilitur
Fonte: Grupo CILITUR, 2021. Disponível em: <https://mapa.cilitur.com.br/>.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade turística vem configurando-se, ao longo das últimas décadas, como uma das principais economias mundiais (UNTWO, 2000, 2019), com uma participação cada vez maior nos países, seja econômica ou espacialmente (UNTWO, 2000), significando, portanto, que a atividade está cada dia mais presente em nossa sociedade, nossas vivências e relações socioespaciais. O espraiamento do turismo ao longo das décadas fez com que a atividade penetrasse em inúmeros países e em diversas sociedades, não somente urbanas ou rurais, mas até mesmo em certo isolamento espacial.

Nesta expansão, a atividade também materializou segmentos turísticos, ou seja, práticas de turismo mais específicas para cada interesse de vivência, por exemplo: turismo religioso, para quem tem na motivação da viagem uma conotação religiosa; turismo de aventura, para quem viaja em busca de atividades com certo grau de adrenalina, etc. Dentro dessa segmentação, tornou-se marcante falar sobre o “turismo de massa”, aquele que move milhões de pessoas ao redor do mundo, em geral para destinos com grande aparato turístico (equipamentos, infraestrutura e atrativos) através de pacotes pré-definidos operados por reconhecidas empresas de agenciamento (Cruz, 2001). Esse turismo, “de massa”, nas análises acadêmicas ganhou uma leitura pejorativa, uma vez que é feito, em grande medida, sem o devido cuidado e respeito a limites ambientais, sociais e culturais, ou seja, trazendo prejuízos a localidades e sociedades, fazendo uso indiscriminado dos

recursos naturais, impactando negativamente culturas e sociedades e privilegiando, comumente, empresas de grande porte (Zaoual, 2009; Bursztyn, Bartholo e Delamaro, 2009).

Na contramão desta prática capitalista do turismo, outras têm proposto um ordenamento mais crítico, defendendo os recursos naturais e culturais dos quais a atividade faz uso para sua existência. Como exemplo tem-se o Ecoturismo e o Turismo de Base Comunitária (TBC), que para além de um segmento, correspondem a uma filosofia e um tipo de gestão mais coeso ao equilíbrio socioambiental (Irving, 2002a, 2002b). Aqui será abordado o TBC, que ainda é uma prática pouco analisada e divulgada mercadológica e academicamente. Ademais da apresentação de suas características, buscou-se relacionar, sempre que possível, o vínculo de suas ações à produção do espaço.

Sobre a relação entre o turismo e a produção do espaço, recorre-se primeiramente a autores clássicos que pensam o espaço. A partir da leitura de Lefebvre (2006), entende-se que o espaço é produzido cotidianamente pela reprodução capitalista de bens e serviços através do trabalho, ou seja, todos nós produzimos espaço a partir do momento que trabalhamos, construímos e consumimos. O pensamento lefbvriano sobre a produção do espaço está bastante atrelado ao modo capitalista de produção (trabalho).

Se buscarmos em Santos (2008) a compreensão sobre a produção do espaço, este também a entende como um processo social e cotidiano. Todos os dias se produz espaço mediante as próprias relações humanas, contudo Santos não atrela esta produção estritamente ao sistema capitalista, e sim aos inúmeros meios de vida que por sua pura existência vão construindo e transformando o espaço. Seja no urbano, no rural ou nas mais remotas localidades, a vida comunitária infere e produz espaço. Para Santos (2008, p.62), o espaço é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como o quadro único em que a história se dá”. Assim, objetos (fixos; objetos concretos) e ações (fluxos; processos dotados de propósito) relacionam-se dialeticamente produzindo espaço e possibilitando suas contínuas transformações.

Cabe frisar que a produção do espaço não deve ser compreendida senão num contexto histórico, posto que responde a condições técnicas e sociais de um dado momento histórico. “Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período há, portanto, também, um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação” (Santos, 2008, p.96).

A propósito do sistema de ações, o autor diz que é preciso distinguir entre atores que decidem sobre as ações a serem realizadas e os demais. Isso significa que alguns atores do processo de produção do espaço se imporão sobre outros, ou melhor, as intenções de alguns se sobreporão às dos “outros”. Completando seu raciocínio, Santos (2008, p.80), referenciando Masini (1988), lista os grandes decididores: os governos, as

empresas multinacionais, as grandes agências de notícias, os chefes religiosos; e complementa, “a escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende, é limitada”. Esse pensamento é significativo para o estudo deste artigo, posto que o turismo convencional – de massa – responde à esta mesma lógica, dos que têm o poder de decidir e dos que acabam por arcar com as consequências físicas, sociais, econômicas e culturais das decisões/ações. Em um movimento contra hegemônico, o TBC pretende dar ao “homem comum” o poder decisório, principalmente decidir acerca da produção do seu espaço.

Nesta produção, social e contínua do espaço, a atividade turística vem interagindo de diversas formas, algumas fisicamente mais impactantes (resorts, hotéis, complexos turísticos), verticalizadas – em um processo de decisões e investimentos que vem “de cima” (proveniente de grandes capitais/empresas) “para baixo”, possivelmente, mais degradantes; outras mais igualitárias (economias locais e regionais), responsáveis (ambiental, social e culturalmente), e horizontais³ (relações de base regional e local). Entre “os extremos”, uma infinidade de objetos e ações são traçados e erguidos para o acontecimento do turismo, produzindo e consumindo espaço.

Como dito anteriormente, o turismo “de massa” é produzido, majoritariamente, na perspectiva do alto capital nacional e internacional, colaborando para inserção de grandes empreendimentos nos espaços, requerendo significativo aparato e padronização dos equipamentos e prestação de serviço, consumindo grandes áreas para construção civil. Do contrário, o TBC parte de relações horizontais, onde as comunidades dentro do seu próprio espaço, possibilitam as visitas e vivências turísticas, além de gerenciarem, de acordo com seus interesses, toda atividade ali produzida, possibilitando um turismo sustentável e solidário (Moraes, Irving, Pedro & Oliveira, 2020).

Evidentemente que o turismo de base comunitária resulta de uma demanda direta dos grupos sociais que residem no lugar turístico, e que mantém com este território uma relação cotidiana de dependência e sobrevivência material e simbólica. Assim, não é possível imaginar uma iniciativa de turismo de base comunitária resultante de uma decisão externa, de uma intervenção exógena à realidade e aos modos de vida locais. (Irving, 2009, p 112)

Na mesma linha analítica de Irving, Silva e Araujo (2019, p.3), apontam o TBC “como uma modalidade que privilegia o indivíduo e o seu lugar. (...) Esse tipo de turismo se aporta em princípios endógenos de desenvolvimento ao considerar a participação popular nos processos de planejamento e gestão da atividade”. A centralidade da tomada de decisão, indubitavelmente, precisa estar na comunidade.

³ Sobre as relações verticais e horizontais ver Santos (2008) e Cruz (2009), que tratam das verticalidades como o modelo hegemônico de dominância socioeconômica e as horizontalidades como correntes contra hegemônicas, onde as relações locais se tornam a força dominante e decisória.

Ademais do protagonismo endógeno, outra premissa para do TBC é que este “se desenvolva em escala limitada, definida a partir dos recursos locais, potencialidades e restrições identificadas com a participação direta das populações envolvidas”, segundo Irving (2009, p. 115), o que leva a um respeito aos limites naturais e socioculturais.

Assim, estes e outros autores que já debateram o TBC enfatizam algumas de suas características:

- A decisão de pôr em prática o turismo deve partir da comunidade, bem como o planejamento e a gestão, por mais que haja, em algum momento e/ou de alguma forma, um assessoramento externo;
- O turismo praticado deve estar em consonância com preservação dos recursos materiais e simbólicos locais, não se configurando, portanto, como fonte de degradação;
- A prática do TBC é um movimento de valorização da cultura local;
- O TBC deve ser para a comunidade um complemento de renda, não substituindo as demais culturas produtivas locais;
- Os benefícios advindos do TBC devem ser devolvidos à comunidade, conforme entendimento comum, possibilitando a melhor qualidade de vida para esta.

A partir desse entendimento, da prática turística gerida por uma comunidade, que preza e respeita suas condições naturais e culturais e busca seu desenvolvimento comunitário, foram encontradas nos municípios litorâneos de sete estados nordestinos um total de 33 ações de TBC ativas no período pesquisado (agosto/2020 - setembro/2021). Apresenta-se nos quadros abaixo (1, 2, 3, 4, 5 e 6) a listagem dos TBCs e algumas informações que consideramos de interesse público apresentar, de acordo com o estado no qual se localizam:

Quadro 1: Lista e informações de TBCs encontrados no Maranhão

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Santo Amaro do Maranhão	Povoado Betânia	Comunidade Rural	Plantio de caju, mandioca, farinhas e bolos; Extrativismo vegetal e a pesca artesanal. Pesca sazonal. Visita guiadas e oficinas de cerâmica, argila e fibra de buriti. Gastronomia e hospedagem.
Santo Amaro do Maranhão	Queimada dos Britos e Baixa Grande	Comunidade de Praia	Pesca, criação de animais de porte pequeno, serviços de hospedagem (redário).
Barreirinhas	Povoado de Mandacaru	Comunidade de Praia	Pesca e artesanato da fibra de buriti.
Barreirinhas	Povoado Marcelino	Comunidade Rural	Artesanato com a fibra de buriti (Casa das Artesãs).

Barreirinhas	Povoado e Canto de Atins	Comunidade de Praia	Pesca.
Alcântara	Comunidade Quilombola de Itamatatua	Quilombo	Artesanato em cerâmica.
Alcântara	Comunidade Quilombola de Mamuna	Quilombo	Farinha em forno artesanal, pesca, agricultura.
Alcântara	Comunidade Quilombola de Cajueiro	Quilombo	Pesca, agricultura.

Fonte: autores, 2021.

Nas oito ações de TBCs encontradas no Maranhão (Quadro 1), dispostas em apenas 3 municípios, percebe-se uma forte relação com a pesca, sendo esta uma de suas atividades mais marcantes. A relação com a terra e o que ela oferece, inclusive no sentido do que dela pode ser transformado em artesanato (buriti, cerâmica e argila), é o ponto forte das culturas que ali podem ser visitadas. Com relação a serviço de hospedagem, duas localidades o oferecem, possibilitando uma estadia mais longa aos turistas que podem pernoitar e vivenciar mais dias nas comunidades.

No caso do Ceará, visualiza-se que o TBC se espraia de forma equilibrada ao longo de toda costa estadual (Figura 1), estando presente em 10 municípios, em um total de 12 comunidades. Em três casos foram identificadas formas de hospedagem e em quatro, gastronomia (Quadro 2), serviços diretamente ligados ao turismo e que surgiram em decorrência da visita, numa oportunidade abraçada pelas comunidades. A força que ganhou o turismo de base comunitária neste estado é reconhecida em todo país, onde a organização das comunidades foi fundamental para esse sucesso. Em 2008, algumas comunidades costeiras se articularam e formaram a Rede Cearense de Turismo Comunitário - Tucum⁴, e de lá para cá essa rede tem sido responsável por comercializar e dar apoio uns aos outros e aos novos ingressantes.

Quadro 2: Lista e informações de TBCs encontrados no Ceará

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Beberibe	Prainha do Canto Verde	Comunidade de Praia	Pesca, hospedagem, gastronomia, passeios guiados.

⁴ A história, as contribuições, bem como os TBCs apoiados, da Rede Tucum podem ser conhecidos em: <http://www.redetucum.org.br/rede-tucum/quem-somos/>.

Fortim	Assentamento Coqueirinho	Comunidade Rural	Agricultura, hospedagem, gastronomia, cosméticos naturais, apicultura, horta orgânica e banco de sementes.
Itapipoca	Assentamento Maceió	Comunidade de Praia	Agricultura, pecuária, pesca, artesanato.
Acaraú	Curral Velho	Comunidade de Praia	Pesca, mariscagem, agricultura, artesanato em palha e renda, gastronomia, capoeira, baixo e rocados, farinha e mocoró.
Amontoada	Caetanos de Cima	Comunidade de Praia	Pesca, pesca artesanal (especialistas em lagostas), agricultura, criação de pequenos animais, artesanato e apresentações culturais.
Aquiraz	Jenipapo-Kanindé	Aldeia Indígena	Agricultura, pesca e coleta. Os homens são exímios artesões e as mulheres exímias rendeiras e fazem louça de barro. Visitação, trilhas, pousada e restaurante.
Aquiraz	Batoque	Comunidade de Praia	Pesca, agricultura familiar.
Icapuí	Ponta Grossa	Comunidade de Praia	Pesca artesanal.
Icapuí	Tremembé	Comunidade de Praia	Pesca e comércio associados à prática do turismo.
Fortaleza	Centro de Formação Frei Humberto - MST	Comunidade Urbana	Espaço de formação, capacitação e pesquisa destinado a iniciativas ligadas a organizações comunitárias do campo e da cidade.
Camocim	Tatajuba	Comunidade de Praia	Pesca de linha de bordo de canoa.
Aracati	Vila da Volta	Comunidade Ribeirinha	Pesca artesanal.

Fonte: autores, 2021.

No Rio Grande do Norte apenas três ações de TBC foram encontradas (Quadro 3), uma em sua capital, Natal, que se vincula a uma pequena comunidade sitiada em pleno urbano, dentro do turístico bairro de Ponta Negra, que tenta manter algumas de suas tradições vivas e as apresenta aos visitantes. Outras duas estão em municípios do litoral norte potiguar e oferecem aos visitantes hospedagem e gastronomia. É importante pontuar, no caso potiguar, que tornou-se difícil afirmar que estas práticas são realmente TBCs, posto que há contradições entre as pesquisas bibliográficas e os relatos de pesquisadores que moram no estado. Optou-se, metodologicamente, por sustentar sua apresentação devido ao alcançado nas publicações acadêmicas/científicas, mas deixa-se aqui a ressalva de que é preciso ir mais a fundo no conhecimento dessas comunidades e sua forma de gestão do turismo, para assim compreender se, de fato, o que se pratica ali é TBC.

Quadro 3: Lista e informações de TBCs encontrados no Rio Grande do Norte

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Natal	Vila da Ponta Negra	Comunidade Urbana	Pesca, agricultura, renda de bilro.
Macaú	Diogo Lopes (RDS Estadual Ponta do Tubarão)	Comunidade de Praia	Pesca, hospedagem, gastronomia.
São Miguel do Gostoso	-	Comunidade de Praia	Pesca, hospedagem, gastronomia.

Fonte: autores, 2021.

Em contraposição aos demais Estados, na Paraíba pode-se apreender os TBCs a partir das vivências e pesquisas *in loco*, uma vez que os responsáveis por esta pesquisa residem no estado e já vinham estudando o turismo praticado nestas comunidades. Contudo, são poucas as publicações encontradas, principalmente no que tange a comunidade rural do Gramame. Entretanto, pela própria vivência, foi possível reconhecer o TBC praticado (Quadro 4), ainda que este não envolva toda comunidade (no Porto do Capim) e que não esteja consolidado (no Gramame), fatores que limitam sua resistência. Já com relação à comunidade do Assentamento Tambaba, tem-se ali um TBC consolidado e que, inclusive, é visitado e comercializado pacificamente pelo turismo de massa, uma vez que o Doces Tambaba, principal produto vendido, está localizado na rota dos bugueiros e das agências de turismo receptivo da capital. Assim, lá a visitação é constante e corrobora para o bom andamento das economias locais.

Quadro 4: Lista e informações de TBCs encontrados na Paraíba

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Conde	Assentamento Tambaba	Comunidade Rural	Venda de doces produzidos pela comunidade. Plantio de frutas e raízes. Artesanatos cultivados do extrativismo vegetal. Pesca artesanal.
João Pessoa e Conde	Vale do Gramame	Comunidade Rural	Cicloturismo, visitação guiada, apresentações culturais, fabricação e venda de doces, culinária local.
João Pessoa	Porto do Capim	Comunidade Ribeirinha	Visitação guiada, venda de artesanato, apresentações culturais e culinária local.

Fonte: autores, 2021.

Em grande medida, é mais fácil localizar experiências de TBC em comunidades mais isoladas, fora de grandes centros urbanos e que, até por isso, conseguem manter suas culturas tradicionais de vida e renda. Mas em Pernambuco visualizou-se uma realidade diferente, as pesquisas mostraram que Recife tem se tornado um

polo urbano do TBC, onde este tem crescido e possibilitado maior diversificação de atrativos à capital. Quatro das cinco ações estão lá, sendo três dessas em comunidades urbanas, que oferecem o encontro com as culturas desses bairros enquanto atrativo. Assim, Hemetério, Totó e Burity fazem de suas vivências culturais matéria prima para experiências únicas, apresentadas em *tours* guiados, na promoção de oficinas culturais e nas apresentações culturais.

Já a Ilha de Deus vem ganhando destaque na mídia especializada, sobretudo com sua gastronomia, baseada notadamente na tradição ribeirinha. Mas a prática do TBC nesta comunidade foi também um movimento de resgate e fortalecimento cultural, fomentando em sua população um sentimento de pertença e orgulho pelo espaço ocupado e pela cultura ribeirinha. O outro TBC encontrado, apesar de ser fora do município, encontra-se ainda na região metropolitana do Recife, em Olinda (Quadro 5).

Quadro 5: Lista de TBCs encontrados em Pernambuco

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Recife	Comunidade da Ilha de Deus	Comunidade Ribeirinha	Hospedagem; Gastronomia local; roteiros a pé e náuticos.
Recife	Bomba do Hemetério	Comunidade Urbana	Circuitos e oficinas culturais.
Recife	Comunidade/Bairro Totó	Comunidade Urbana	Oficinas de arte de rua, oficinas de danças e músicas, de esportes.
Recife	Comunidade Burity, Macaxeira	Comunidade Urbana	Visit Macaxeira - Tours guiados.
Olinda	Comunidade Nação Xambá	Quilombo	Ações de preservação e valorização da cultura xambá e também da cultura afro-latino-americana.

Fonte: autores, 2021.

Por fim, em Alagoas, dois TBCs bem diferentes foram encontrados, um localizado à beira-mar, outro em assentamento rural, assim, com atividades distintas (Quadro 6). No município de Porto de Pedras a Associação Peixe-Boi⁵ engloba diversas comunidades das praias que estão no entorno do projeto, que nasceu com a proposta de preservação do peixe-boi e do seu habitat natural, mas que ao longo dos anos foi ganhando forças, envolvendo cada vez mais pessoas e sensibilizando organizações não governamentais para juntar-se nesse propósito. O TBC, portanto, surgiu das oportunidades que vieram com a preservação da espécie e dos recursos naturais. Já no Assentamento Água Fria o que pode ser relatado sobre turismo é a visita com vistas a conhecer o artesanato, suas trilhas que percorrem as plantações e as fabricações locais.

⁵ A história, o trabalho e as contribuições da Associação Peixe-Boi podem ser conhecidos em: <http://www.associacaopeixeboi.com.br/>.

Quadro 6: Lista de TBCs encontrados em Alagoas

Município	Nome da Comunidade	Classificação	Projetos/atividades desenvolvidas
Porto de Pedras	-	Comunidade de Praia	Artesanato; Visitas guiadas; passeios de jangada.
Maragogi	Assentamento Água Fria	Comunidade Rural	Artesanato, Trilhas. Fabricação e venda de polpas e sucos engarrafados, mel e contam com uma lanchonete.

Fonte: autores, 2021.

No que tange ações de TBC que participaram como uma resistência ao movimento dos grandes capitais e sua inserção nestes espaços comunitários, funcionando, portanto, como protetores, asseguradores e mantenedores destas culturas, identificaram-se alguns casos. No Ceará, a comunidade da Prainha do Canto Verde ganhou repercussão nacional, quando, para evitar que suas terras fossem vendidas ao grande capital do turismo para construção de megaempreendimentos, quatro pescadores foram da Prainha até o Rio de Janeiro em uma jangada num ato de resistência, indignação e defesa⁶. Mas a luta dessa comunidade contra a grilagem vem de antes, desde 1976, contudo eles vêm conseguindo proteger seu habitat e promover o TBC, elevando-o a um dos principais exemplos nacionais.

Outros TBCs cearenses também tiveram relevante presença na defesa do espaço, como a comunidade Jenipapo-Kanindé, que conseguiu barrar a implantação da Rede Aquiraz Resort em seu espaço, contudo ainda sofrem com a presença da fábrica da Ypioca, uma das grandes cachaçarias regionais, que causa danos socioambientais, econômicos e culturais. Já no Maranhão, a Comunidade Quilombola Mamuna localiza-se ao lado da Base Espacial de Alcântara e, em decorrência disto, conflitos foram traçados entre os interesses, contudo, lamentavelmente, a comunidade teve parte de seu território desapropriado em prol da Base.

Uma outra comunidade que vem lutando em defesa de seu território, tendo no TBC um aliado, está na Paraíba. A comunidade do Porto do Capim resiste há mais de uma década contra o interesse público e do capital em suas terras, conflito acirrado a partir de 2015, quando um projeto de requalificação urbana nominado “Novo Porto do Capim” trouxe a proposta da desapropriação e ambientação deste para o turismo. Desde então, juntaram-se à luta várias instituições e projetos com vistas à contraposição coletiva ao projeto da Prefeitura Municipal e defesa dos direitos da comunidade (Scocuglia, 2019).

⁶ Mais informações e contextualização histórica em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/unidos-em-terra-e-no-mar-1.554926>; e <http://terramar.org.br/2020/09/01/o-territorio-e-suas-gentes-resex-prainha-do-canto-verde/>.

Diante dos dados obtidos, entende-se que com a prática do TBC estas comunidades conseguem fortalecer sua economia e também dar voz a sua luta pela terra, pela preservação e manutenção do seu espaço, à medida que com o turismo estas comunidades e suas culturas vão sendo conhecidas e propagadas, angariando apoios de outros entes da sociedade externa a ela que podem ajudar nas causas conflituosas.

4. CONCLUSÕES

Durante este primeiro ano de pesquisas no grupo CILITUR, voltadas ao Turismo de Base Comunitária no Nordeste brasileiro, as limitações à pesquisa foram grandes, notadamente a dificuldade em encontrar material atualizado que sustentasse a identificação e existência dos TBCs nos estados e a impossibilidade de visitação às comunidades, tanto pela amplitude territorial do estudo, com consequente grande distância física, quanto pelo estado de pandemia, que impossibilitou trabalhos de campo, mesmo que próximos.

Diante dessas limitações, que para o estudo do TBC são cruciais, entendemos que o objetivo da pesquisa foi alcançado, buscou-se a fundo, nas mais diversas fontes de informação, identificar e caracterizar as ações de TBC nos sete estados brasileiros mencionados (PI, MA, CE, RN, PB, PE, AL). Ao final, a atual inexistência de iniciativas de TBC no Piauí se confirmou, mas outras 33 foram encontradas ao longo dos municípios litorâneos dos demais estados, possibilitando a identificação de uma forte presença de lideranças e forças femininas responsáveis por mover e desenvolver estas ações. Embora não se tenha listado aqui esses casos, uma vez que não fazem parte do objetivo central desta pesquisa, a partir dos estudos individuais das iniciativas encontradas, percebeu-se que as mulheres correspondem ao “braço forte”, ao sustentáculo do TBC, que sem suas presenças e trabalhos marcantes e vigorosos as atividades turísticas não teriam se desenvolvido e, tampouco, resistido ao tempo.

A relação do TBC com a produção do espaço igualmente foi identificada e em algumas comunidades se fez mais marcante, uma vez que, sob ameaças de perdas destes espaços/territórios, suas populações precisaram lutar pela manutenção de suas terras, entrando, algumas vezes, em batalhas judiciais para protegerem seu espaço. Nestes casos, TBC fortaleceu estas comunidades sociocultural e economicamente, tornando-se mais um indicativo de como a relação com aquele específico espaço comunitário é de suma importância para a economia, a sociabilidade e a manutenção da cultura local.

Como já posto, uma das premissas do TBC é justamente a relação harmônica da comunidade com o ambiente que habitam, assim, estas comunidades, via de regra, defendem com afinco seu território, o protegem e o manejam com respeito, contrapondo-se ao pensamento de formas de turismo massivo, no qual a força do capital consegue avançar sobre espaços, culturas e populações. E é nesse sentido, de preservação e

conservação do espaço, que os TBCs contribuíram para a não construção de resorts, hotéis e complexos turísticos nestas comunidades.

Por fim, tornou-se latente algumas lacunas nas discussões, de cunho acadêmico, sobre parte dos TBCs aqui identificados. Além do número limitado de material, pesa também a falta de estudos atualizados, pois, tendo em vista a complexidade do TBCs e das próprias relações comunitárias para sua realização e manutenção, muitas vezes o pesquisador se depara com informações defasadas e, no presente, incoerentes com a realidade das comunidades e iniciativas.

5. REFERÊNCIAS

- Bartholo, R., & Sansolo, D. G., Bursztyn, I. (2009). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e a experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.
- Bursztyn, I. & Bartholo, R., Delamaro, M. (2009). Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: Bartholo, R., & Sansolo, D. G., Bursztyn, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e a experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. p. 76-91.
- Cruz, R.A. (2001). Política de Turismo e Território. 2ª ed. São Paulo: Contexto.
- Cruz, R.A. (2009). Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para pensar a realidade brasileira. In: Bartholo, R. & Sansolo, D. G., Bursztyn, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e a experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. p. 92-107.
- Dencker, A.F.M. (1998). Métodos e Técnicas de pesquisa em Turismo. São Paulo: Futura.
- Irving, M. A. (2002a). Participação: questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. In: Irving, M.A. & Azevedo, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura. p.35-46.
- Irving, M. A. (2002a). Construindo um modelo de planejamento turístico de base comunitária – um estudo de caso. In: Irving, M.A. & Azevedo, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura. p.93-112.
- Irving, M.A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G., & Bursztyn, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e a experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. p. 108-121.
- Lefebvre, H. (2006). A Produção do Espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-producao-do-espace.pdf.
- Lima, M.A.G. & Irving, M.A., Oliveira, E. (2022). Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). RBTUR, São Paulo, (16). DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2094>.
- Moraes, E.A., & Irving, M.A. Pedro, R.M.R., Oliveira, E. (2020). Turismo de base comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], (122), p. 145-168. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.10761>.
- Santos, M. (2008). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Scocuglia, J.B.C. (2019). Abraça o Porto do Capim. Requalificação Urbana e Direito à Cidade. Uma experiência de extensão universidade-comunidade. In: Anais XVIII ENANPUR 2019. Natal. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=51>.
- Silva, J.P. & Araujo, C. P. (2017). Produção do espaço e políticas públicas de turismo: uma discussão acerca da estruturação do turismo de base comunitária no Brasil. In: I CILITUR – Colóquio Nacional sobre Cidades Litorâneas e Turismo. Recife. Disponível em: <http://cilitur.com.br/cilitur/arquivos/tematica4/SILVA-J-P-ARAUJO-C-P.pdf>.
- UNTWO, World Tourism Organization. (1999). World Tourism Barometer. 17 (4). Disponível em:

<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284403011>.
UNTWO, World Tourism Organization. (2000). Tourism Highlights 2000. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284403745>.

Zaoual, H. (2009). Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: Bartholo, R. & Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e a experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. p. 55-75.